

ISSN 2525-6904



ARTIGOS



## **Transexualidade no Ensino Médio**

desafios e possibilidades

Gláucia do Carmo XAVIER, *Instituto Federal de Minas Gerais*

---

Este artigo apresenta uma pesquisa empreendida em 2018, por meio da história oral com dois (duas) alun@s trans que cursam o Ensino Médio Técnico Integrado. A investigação teve como objetivo dar visibilidade à escolarização de estudantes transgêner@s. Para isso, o texto apresenta o entendimento de sexo e gênero ao longo da história e o papel do currículo escolar na inclusão de alun@s trans. A entrevista foi a técnica de pesquisa escolhida para dar voz a esse público excluído. O artigo enfatiza a necessidade de acolhimento e apoio por parte da escola, para que tenhamos uma nova realidade frente aos desafios da escolarização de pessoas trans.

**PALAVRAS-CHAVE:** Transexualidade. Ensino Médio. Desafios. Possibilidades.

---



## **Introdução**

A diversidade sexual tem sido, comumente, tratada como tabu no Ensino Médio. Ter alun@s trans, lésbicas, gays ainda é, para a escola, um desafio, uma vez que ess@s estudantes precisam de um olhar especial da comunidade escolar, haja vista o preconceito da sociedade frente às questões de gênero e as dúvidas da escola sobre como conduzir um bom trabalho frente às novas demandas da educação. Não raro, a opção mais comum é o apagamento dess@s estudantes, por meio da exclusão na sala de aula, por meio de silenciamento de suas vozes etc. Assim, o anulamento do debate e a postura de que a questão da sexualidade não precisa ou não deve ser debatida no ambiente escolar têm vencido esta luta por uma escola mais inclusiva.

Enquanto tivermos 91% de transexuais sem concluir o Ensino Médio (SALABERT, 2018), teremos a certeza de que o debate não se esgotou. Pelo contrário, com estatísticas como essa, acende-se o alerta de que a educação precisa se voltar para a questão da sexualidade e do estudo sobre gênero no ambiente escolar. Este é o objetivo deste texto: dar visibilidade à diversidade sexual, especialmente à transexualidade, existente na escola, com foco na escola pública, que é lugar, por excelência, da pluralidade.

Nesse sentido, este artigo propõe-se a descortinar o tema da transexualidade no Ensino Médio Técnico Integrado. Para isso, este texto apresenta três seções: a primeira aborda a história do reconhecimento dos gêneros, além da binaridade homem-mulher, passando, em seguida, na segunda seção, para a reflexão das relações de poder exercidas nesta dinâmica, que é social. O artigo traz para o debate a importância do currículo escolar para a visibilidade dos estudos sobre identidade de gênero e os impactos que essa perspectiva pode causar na vida dos sujeitos que estão na escola. Por fim, na terceira seção, o artigo apresenta uma pesquisa desenvolvida em 2018, no Ensino Médio Técnico Integrado, por meio da história oral com duas (dois) estudantes transexuais.

Na finalização do artigo, o texto, em suas considerações finais, enumera os principais desafios e algumas possibilidades no trabalho com gêneros na escola.



## 1. A ótica da ciência para a diversidade sexual: história e trajetória

Tudo o que se distancia da concepção de masculino, branco e hétero se associa, de alguma forma, ao que está fora do padrão (LOURO, 2008). Historicamente, a sociedade é marcada por concepções idealizadas. Nesse sentido, o ideal, o padrão e a norma é o que mais se aproxima do masculino, branco e hétero. O afastamento dessa centralidade demarca os limites do que pode ser considerado periférico e excludente nas posições de poder.

Segundo Lanz (2017), até o século XVIII, considerava-se, como existente, apenas um sexo biológico e dois sexos sociais. A autora afirma que as noções de feminino e masculino não eram associadas ao gênero, mas a um sexo com papéis sociais bem delimitados. Direitos, deveres, obrigações, valores e posturas eram demarcados e esperados por cada sexo social.

O sexo biológico existente até então era o sexo masculino. “A fêmea simplesmente não existia como categoria biológica, sendo, até então, considerada como um “macho encruado”, cujo aparelho genital não teve força suficiente para exteriorizar” (LANZ, 2017, p. 13) Essa postulação foi sustentada até o século XVIII pelo médico e filósofo, de origem grega, Cláudio Galeno. Esse reconhecido pesquisador desenvolveu a tese de que as fêmeas tinham seus aparelhos sexuais enrustidos para o interior do corpo e que parte do aparelho reprodutor feminino poderia ser associado ao masculino. Galeno afirmou que o escroto e o útero eram similares e, da mesma forma, os testículos e ovários, assim como o pênis e a vagina eram considerados iguais, porém em diferentes localizações. Enquanto o homem tinha seus órgãos externalizados, a mulher tinha os mesmos órgãos, só que para o lado de dentro.

Galeno pertenceu ao período da antiguidade clássica, e seus estudos foram sustentados pela ciência até três séculos atrás. Nesse viés, os nomes eram similares, não havia diferença de função desses órgãos. O que se defendia era a ideia de que a mulher era um homem subdesenvolvido e a descrição “com menos potência” foi atestada nos livros de medicina da época (LANZ, 2017). Como se vê, o que a ciência ditou como verdade científica foi baseada em concepções sociais de um contexto histórico específico.



A superioridade masculina foi então demarcada e defendida por padrões políticos e culturais, não apenas físicos, uma vez que o entendimento de uma característica física era definido pelas relações de poder existentes. Ou seja, uma vez tendo a mulher uma condição física pormenorizada, suas condições sociais eram o reflexo desta condição “cientificamente comprovada”. Assim, os lugares em que a mulher poderia ocupar na sociedade estavam diretamente ligados às suas potências, que no caso, eram menores que as dos homens.

Essa concepção científica e política perpetuou por muitos séculos, e só foi desmistificada no século XIX, quando inúmeras pesquisas deram à mulher uma posição de sujeito, com órgãos genitais distintos aos dos homens. Apenas nesse momento, os nomes dos órgãos femininos foram independentes. Mas os papéis sociais ainda eram bem demarcados, conforme ainda é hoje.

Como se viu, a história mostra que a identidade de gênero é dissociada da concepção sexual, dos órgãos genitais e dos papéis sociais. Butler (2017, p. 51) chama a atenção para o fato de se tender à subordinação da noção do gênero à da identidade que “uma pessoa é um gênero e o é em virtude de seu sexo”. Essa noção se assemelha às concepções clássicas de que existia apenas um sexo, sem variações. Butler (2017, p. 51) afirma, ainda, que “o gênero, ingenuamente (ao invés de criticamente) confundido com sexo, serve como princípio unificador do eu corporificado e mantém essa unidade por sobre e contra um ‘sexo oposto’”.

Portanto, o que se defendia há séculos parece não ter hoje uma variação tão diferente. Nomeou-se os órgãos femininos, mas a identidade é sempre baseada na similaridade ou diferença do outro, visto aqui como masculino. A autora vai além. Para Butler, se a mulher é um não homem, “a lésbica emerge como um terceiro gênero, prometendo transcender a restrição binária ao sexo, imposta pelo sistema da heterossexualidade compulsória” (BUTLER, 2017, p.47). Assim como a autora cita as lésbicas, podemos incluir a transexualidade como um novo gênero excluído nessa lógica sexual predominantemente binária.

Neste trabalho, a pessoa trans é entendida como aquela cuja identidade de gênero se difere do sexo biológico designado no nascimento. Mas este trabalho compreende também que definições únicas e estanques sobre os corpos, a identidade sexual e os limites entre masculinidade e feminilidade não existem. Dessa forma, aqui, optou-se



por trazer esse conceito com o intuito de oferecer a(o) leitor(@) um ponto de partida, mas não é intenção da pesquisa caracterizar as pessoas trans com conceitos definitivos. Entende-se que o mais relevante neste debate é o entendimento das relações de poder envolvidas no discurso sobre gênero.<sup>1</sup>

Por isso, Irigaray (apud BUTLER, 2017) afirma só haver um sexo, o masculino. Este se elabora por meio da existência do “outro”, nesse sentido, Butler (2017) afirma que Irigaray e Foucault defendem a categoria sexo (feminino e/ou masculino) como produto das reações de poder reguladas por uma economia a qual produz e determina os conceitos de identidade sexual. Como se nota, a conceptualização de sexo da era clássica não parece ser muito diferente da que se tem ainda hoje. Para continuar esse debate, a próxima seção tratará das relações de poder que transitam nos conceitos relativos à diversidade sexual e ao currículo escolar.

## **2. O papel do currículo no debate sobre gênero na educação: transexualidade em foco**

Como foi visto na seção anterior, é jovem a concepção de que a mulher é um ser independente do homem. Até então, nem mesmo os órgãos genitais da mulher eram distintos. O conhecimento que se firmou era de que existia apenas um sexo biológico e dois sexos sociais: feminino e masculino. Atualmente, esses dois sexos sociais, de antigamente, podem ser entendidos como gêneros. O ideal é que o sexo nunca esteja acoplado ao gênero, como se essa concepção fosse uma norma. No entanto, vê-se que, até os dias de hoje, isso ainda é um desafio.

Baseando-se nesse desafio de reconhecer diversos gêneros e entender como essas relações ocorrem no ambiente escolar, esta seção propõe uma discussão sobre como o currículo escolar precisa ser

---

1 O conflito de identidade ou de identificação existente entre os próprios sujeitos trans e os que tentam categorizá-los vai muito além. Em que pese haver definições clínicas, constantes dos manuais em vigor – Classificação Internacional de Doenças (CID) e Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) –, a pesquisa mostra uma realidade completamente diferente: não há limites claros entre as próprias identificações das pessoas que se autodefinem como travestis, transexuais, gays, mulheres de verdade, drag-queens, crossdressers, transformistas, homossexuais masculinos extremamente afeminados, homossexuais femininas altamente masculinizadas. (OLIVEIRA, GROSSI, 2014, p. 1).



refletido quando se compreende a necessidade de fortalecer o debate sobre gênero na escola.

Assim, como se viu no início deste artigo, tudo o que se distancia de determinadas noções como masculino, branco e hétero é considerado periférico e menos central, menos importante. Nesta seção, além de concepções como masculino, branco e hétero, acrescentam-se as noções “cis e cristã”, além da classe social. O debate sobre gênero, atualmente, inclui o entendimento da interseccionalidade, ou seja, essas noções são entrelaçadas. Ser uma mulher trans branca é diferente de ser uma mulher trans negra. Ser um homem cis, negro e cristão é diferente de ser um homem cis, negro e não cristão. Nesse viés, a multiplicidade das identidades vai ocupando posições de mais ou menos poder na sociedade. Na escola, não parece ser diferente.

Louro (2008) afirma a necessidade de se investigar os currículos escolares que tratem da sexualidade, uma vez que eles podem determinar o que se aprende e ensina na escola. Por meio do currículo, “a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria a produz” (LOURO, 1997, p. 80-81). A reprodução e a produção de concepções são formas de controle que podem ser transmitidas tanto pelas disciplinas e conteúdos como por comportamentos do dia a dia, valores, regras e ações rotineiras. As escolas não apenas controlam as pessoas, elas também ajudam a controlar o significado. Pelo fato de preservarem e distribuírem o que se percebe como “conhecimento legítimo” – o conhecimento que “todos devemos ter” (APPLE, 2002, p. 103) – as escolas conferem legitimidade cultural ao conhecimento de determinados grupos.

Nesse momento, questiona-se: qual conhecimento sobre sexualidade a escola acredita que todos devem ter? Qual conhecimento sobre gênero a escola reproduz como sendo legítimo? O currículo, assim, revela as relações de poder e escolhas, pois, ao se fazer uma seleção do que deve ser ensinado e transmitido, exercita-se o poder: alguns conteúdos, valores e crenças são escolhidos em detrimento de outros. Ao se fazer a escolha, inclusões e exclusões são feitas objetivando, muitas vezes, a um controle social. O que deve ser ensinado? Para quem e para quê? Com qual objetivo um conteúdo ou valor é transmitido no lugar de outro? Enquanto o currículo é instrumento de seleção cultural, ele exercita controle social (FORQUIN apud XAVIER, 2014, p. 19).



Em uma visão tradicional de currículo, a sexualidade de uma sociedade é homogênea, universal e única. Nessa perspectiva, não há o que problematizar, muito menos visualizar conflitos no processo educacional. Já em uma visão crítica de currículo, a sexualidade é percebida como um terreno conflituoso e de criação simbólica, em que os conhecimentos são construídos e desconstruídos a todo momento.

Para um conceito de currículo, tem-se Forquin (1993), que o define como um conjunto de saberes, crenças e valores no interior de uma determinada cultura. Dessa forma, a educação e o currículo são agentes ativos de construção de sentidos, de saberes e, acima de tudo, de sujeitos. Nesse viés de entendimento da escola, o currículo é um projeto cultural, social e político. Ele está construído em bases ideológicas, mergulhado no sistema de ideias, valores, atitudes e crenças, compartilhados por um grupo de pessoas com um peso significativo em sua criação e elaboração. Nenhum currículo é elaborado no vazio, nem tão pouco se organiza de forma arbitrária. Tudo é pensado e programado, visando a um determinado objetivo dentro de uma lógica e de uma cultura. Nessa perspectiva, currículo pode ser entendido como “a seleção cultural estruturada sob condições psicopedagógicas dessa cultura que se oferece como projeto para a instituição escolar” (SACRISTÁN, 1998, p. 42).

Na mesma direção, Xavier (2014, p. 23) postula que

no debate pós-crítico do currículo, o ponto de partida é que nas salas de aula nem todas as vozes são igualmente válidas, daí a defesa de o diálogo entre as diferenças ser incentivado. Entretanto, o diálogo não é voltado para acordos e conformidades, mas, sim, para a compreensão e o respeito às diferenças, de forma que elas sejam mantidas e não eliminadas.

Essa é uma possibilidade para a abertura do caminho de incluir novas identidades na sala de aula. O discurso do “somos todos iguais” precisa ser substituído pelo “somos todos diferentes.” Enquanto o discurso da homogeneidade na sociedade e na escola for mantido, como modelo do que é o ideal, não haverá espaço para as diferenças. A falta de um ambiente inclusivo na escola pode ocasionar “[...] situações de violência que são experimentadas de diferentes maneiras por aqueles/as que se distanciam dos padrões esperados em termos de orientação sexual, identidade de gênero, cor/raça e condição socioeconômica” (BRASIL, 2009, p. 148).



O que se deseja é a produção de um ambiente inclusivo. Para isso, as noções de identidade que ocupam as posições centrais precisam ser desestabilizadas e questionadas. “Queremos produzir o deslocamento do centro às margens, considerando que o centro é vastamente usado por aqueles/as pessoas que estão na instância do normativo e, com isso, não experimentam nenhuma ação violenta, ou não, advinda da transfobia, considerada como as margens do normativo” (SILVA; MAIO, 2017, p. 28).

Até quando a escola vai se normatizar apenas com a heterossexualidade? Como a imposição desse modelo padrão de sexualidade pode impactar a vida de estudantes que não se encaixam nessa norma?

A resposta disso nos desloca a assumir um compromisso social enquanto profissionais da educação, porque, se eu não aceito, não tem como fazer um acolhimento efetivo e tornar suas identidades parte do processo de ensino e aprendizagem. As nossas discussões em sala de aula nos convidam a filarmos a explicações diversas sobre o assunto para não acontecer o que muitas pesquisas de doutorado e mestrado têm mostrado sobre o contato que estudantes trans têm com vulnerabilidades, uma vez que as escolas têm sido um ambiente hostil. (SILVA; MAIO, 2017, p. 28).

É imprescindível trazer o posicionamento de alun@s que têm o gênero oposto ao que foi determinado socialmente para o sexo del@s antes mesmo de nascerem. Valorizar o lugar de fala dess@s estudantes é uma possibilidade para reconhecer a importância de incluir no ambiente escolar todas as diversidades presentes na sala de aula. Conhecendo a realidade de alun@s trans, a escola poderá rever seus currículos e a maneira como os conhecimentos são desenvolvidos.

Na próxima seção deste artigo, veremos o posicionamento de duas (dois) alun@s trans, matriculad@s no Ensino Médio Técnico Integrado, em relação ao que acontece na escola quando se pensa em diversidade sexual.

### **3. Dar voz à diferença é dar voz à inclusão**

A preocupação de relacionar os saberes teóricos à prática e à vivência da comunidade escolar se faz cada vez mais necessária (MARCUS MAIA, 2018). Com esse objetivo, o grupo de estudos GEALI-IFMG (Grupo de Estudos sobre Ensino e Aprendizagem de Língua



Portuguesa e Literatura) vem, há alguns anos, dedicando suas pesquisas às questões de gênero e raça no ensino, com o objetivo de tentar compreender as desigualdades e preservar a diversidade escolar. Para esta pesquisa, a autora, que é líder do GEALI, apresenta uma investigação feita com alunos do Ensino Médio Técnico Integrado de uma escola pública. A pesquisa é de cunho qualitativo, em que a técnica utilizada foi a história oral (PORTELLI, 1997; MEIHY, 1996; FERREIRA, 1994). Por meio de entrevistas com duas (dois) alun@s transexuais, esta investigação demonstra como o comportamento escolar (tanto do aluno transexual quanto dos demais estudantes e professores), o currículo e os padrões heteronormativos podem impactar a vida escolar de alun@s trans.

Assim, esta terceira seção apresenta trechos e análises de entrevistas feitas a duas (dois) alun@s trans. Os objetivos da pesquisa foram: relatar os desafios enfrentados, cotidianamente, na escola, por alun@s transexuais e explicitar a necessidade de a comunidade escolar se formar continuamente para acolher estudantes de diferentes orientações sexuais. As entrevistas foram realizadas no ano de 2018, e os nomes d@s entrevistad@s foram alterados para preservar a identidade del@s. Inicialmente, as perguntas e as respostas serão transcritas. Em seguida, serão feitos comentários, mas a transcrição é relevante até mesmo para dar a voz a ess@s estudantes, sem fazermos paráfrases do que el@s dizem.

### 3.1. Pedro

Pedro foi matriculado na escola com seu nome feminino de registro. No início de seu segundo ano na escola, a equipe de pedagogia reuniu-se com @s professor@s e, em um conselho de classe, refletiram sobre a importância do uso do nome social, agora masculino, na lista de chamada, durante as aulas e demais atividades dentro da escola. O nome social masculino foi utilizado a pedido do aluno, mas, como ele era, na época, menor de idade, ainda era necessário um trâmite legal específico para a mudança definitiva na lista de presença.

Sobre a questão do nome, segue a primeira pergunta da entrevista.



**Pergunta 1** - No início da sua trajetória na escola, todos nós remetíamos a você como Paula, era o nome que sempre esteve presente na chamada. Em seguida, por uma demanda da sua parte, nós começamos a chamar você de Pedro. Isso foi debatido, inclusive, em conselho de classe, pela pedagogia. Lembro-me que passei a te chamar de Pedro e, um dia, nós nos encontramos na sala dos professores e eu vi que você estava com as unhas pintadas. Nesse momento, sendo bem sincera, eu fiquei na dúvida, por conta do esmalte, e te perguntei como deveria te chamar: Paula ou Pedro. E você me respondeu que tanto faz, pois tinha conseguido algo que gostaria há muito tempo: resgatar sua mãe do uso de drogas e trazê-la para morar com você. Levando em conta todo esse contexto, você tem preferência que alguém te chame de Paula ou Pedro? Se sim, por quê? Algum desses nomes te faz se sentir melhor? Por quê? Quando você disse que não fazia tanta diferença, como você vê a questão da identificação que as outras pessoas fazem? Como você se sente mais à vontade?

**Resposta 1-** Eu ainda prefiro que me chamem de Pedro, mas eu não faço questão, porque eu vi que isso não muda o olhar para essa questão da identidade de gênero. Não vai mudar por causa de um nome ou não. Então, eu abri mão disso porque notei que eu ia continuar sendo visto como a mesma pessoa que eu era. Mudando o nome ou não, eu ia continuar sendo visto como Paula, não importando o que eu fazia. Eu aceitei isso. Mas, no meu núcleo íntimo, em que as pessoas têm conhecimento da forma como eu gosto de ser tratado, eu ainda prefiro que me chamem de Pedro. Eles me chamam assim porque entendem o que isso significa para mim e o tanto que isso é importante para mim ter essa ideia de que gênero não é uma definição ou um pré-requisito que você assina quando nasce e coloca um nome feminino ou masculino.

Após este primeiro trecho da entrevista, sobre a questão de mudança de nome de registro para o uso do nome social nos documentos oficiais da escola, este texto apresenta Laci, outra aluna a participar desta pesquisa.

### **3.2. Laci**

Laci sempre foi chamada por professor@s e colegas pelo seu nome de registro, que é unissex. Assim, no caso de Laci, não foi necessário ter mudança de nome na lista de chamada. Mas, como ela mesma disse durante a entrevista, ela se define como uma mulher trans. Ela estuda em nossa escola há três anos e, atualmente, cursa o segundo ano do Ensino Médio Técnico Integrado, assim como Pedro.

**Pergunta 2-** Levando em conta que este é o seu terceiro ano nesta instituição, relate os principais avanços da escola, caso tivera algum, na sua visão, em relação a(os) alun@s que têm uma demanda nas questões sobre gênero.



**Resposta 2 Pedro** - Eu percebi um avanço da escola com relação à maneira como os professores lidam. Não sei se foi devido a uma ação da direção ou se os próprios alunos reclamaram, mas teve uma mudança grande na maneira como os professores lidavam e automaticamente isso refletiu na maneira como os alunos tratam esses colegas. Quando eu entrei na escola, conheci estudantes que já estavam há três ou quatro anos e eles mesmos disseram que a escola mudou bastante.

**Resposta 2 Laci** – Eu não percebi nenhum avanço por parte da escola.

**Pergunta 3-** O que acontecia e não acontece mais, você saberia dizer?

**Resposta 3 Pedro-** Eu escutava muita gente falando que virava motivo de piadas em sala de aula com professor. Às vezes porque o professor não queria, mas às vezes porque ele queria também. Ele ia junto com a turma na brincadeira. E faz um bom tempo que não escuto sobre isso.

**Pergunta 4-** Quais são as maiores dificuldades que você enfrentou no passado e enfrenta hoje na escola por ser um@ alun@ transexual. Que tipos de preconceito você percebe, quais situações você já passou e que gostaria de comentar e destacar? E você percebe outr@s colegas que são trans passando pela mesma situação?

**Resposta 4 Pedro-** A nossa escola é como se fosse uma sociedadezinha amplificada. Então, você tem uma resposta sobre tudo muito rápido. E como a maioria dos alunos é adolescente, você tem uma resposta imediata a tudo. Nós somos julgados o tempo inteiro que estamos dentro da escola. E como todo mundo é adolescente, todos estão tomando várias decisões, mudando muito a realidade em muito pouco tempo. E também lidando com a maneira com que as pessoas dessa sociedadezinha vão responder a isso. Acaba sendo difícil porque você sempre tem que lidar com pessoas que não vão gostar do que você faz e do que você é. E nossa escola acaba sendo o primeiro lugar em que você convive com essa escala grande, o dia inteiro: de conviver com outras pessoas que você não tem opção de não conviver, de não poder mudar a forma de pensar. Assim, essa situação é amplificada por mil alunos e isso é muito maior do que em outras escolas. Por isso, você tem que lidar com as escolhas que você faz e que nem sempre são fáceis. Assim, você acaba apanhando por elas, física e psicologicamente. Isso te afeta muito.

**Resposta 4 Laci** - Posso dizer que uma situação que eu me senti excluída por ser uma mulher trans foi numa aula de Educação Física. Era uma atividade de rolamento. A gente tinha que rolar um em cima do outro. Tinha o lado das meninas e o lado dos meninos. Por eu ser uma mulher trans, eu fiquei chateada por haver aquele tipo de atividade. Eu não gostaria que nenhuma mulher trans, além de mim, passasse por isso de novo.

**Pergunta 5-** Uma vez que você vivencia a necessidade da discussão sobre diversidade sexual na escola, o que você sugere que seja preciso fazer para acolher de fato e verdadeiramente todos os colegas que passam por algum tipo de dificuldade, preconceito, isolamento, devido à identidade de gênero?



**Resposta 5 Pedro-** Percebo que a escola avançou bastante, mas ainda acho que, principalmente na maneira como professores e funcionários tratam os alunos, acredito que seja importante ter mais familiaridade com os conceitos, pois você nota que o professor vai conversar sobre gênero, mas você percebe que ele nunca ouviu falar nisso antes, e então ele não sabe como lidar com o tema. Ele está com boa vontade, mas acaba cometendo alguns erros que abrem espaço para a sala tomar aquilo como brincadeira ou algo do tipo. Aí, corre o risco de não passar uma mensagem bacana e ir por outro caminho, pela falta de conhecimento sobre o assunto. Se os professores tiverem uma vivência melhor e experiência em como lidar seria interessante. Não adianta muito ter boa vontade, se há falta de entendimento sobre o assunto.

**Resposta 5 Laci-** Sugiro que a escola deveria ter um acolhimento bem maior aos seus alunos. É minha opinião.

**Pergunta 6-** O que a escola precisa fazer para que qualquer tipo de alun@ venha a ter bom desempenho escolar? De que forma o despreparo da comunidade escolar pode impactar no seu desempenho na escola? Você considera que sua identidade de gênero teve impacto na sua reprovação no ano passado e no seu processo de aprendizagem?

**Resposta 6 Pedro-** Qualquer questão de sexualidade, de gênero, nesta etapa da vida, numa escola em que você estuda em tempo integral, afeta, sim, o processo de ensino-aprendizagem. Da mesma forma como um professor tem que lidar com um aluno estrangeiro ou aluno deficiente, tem que lidar também com a pessoa que não foi bem aceita pela sociedade desde a infância e não esteja ainda preparada para entrar em grupo dentro da escola. Você percebe como você, às vezes, é retirado dos grupos de trabalho. Eu acho que a resposta da escola deveria ser mais na compreensão da situação, tentando incluir. Não que a identidade sexual seja um problema quando a pessoa pertence a outro gênero, o problema é como reagem a isso. Mesmo que a escola esteja incluindo este aluno agora, é preciso pensar no histórico dele. Até porque, às vezes, o aluno nunca teve contato com esse tipo de ajuda, então acaba sendo importante você ter a reintegração e ajudar com a parte da aceitação. Nossa escola lida com uma etapa muito importante da pessoa: o final da adolescência e o início da vida adulta, em que você tem que tomar decisões mais difíceis, como o aumento da responsabilidade. Essa fase da vida já é difícil, e ter que passar por ela também sendo questionado sobre as questões de gênero e sexualidade, não tendo uma resposta da sociedade sobre como lidar com essas questões, acaba tendo impacto na aprendizagem escolar, pois seu processo de aprendizagem é diretamente ligado à sociedade em que vive. E a maneira como essa sociedade lida com você é o que importa.

**Resposta 6 Laci-** Posso dizer que é muito difícil, para mim, conseguir ter forças, por muitas das vezes não ter compreensão das outras pessoas que convivem comigo. Mas isso não é algo que eu deveria cobrar, eu acho que as pessoas deveriam entender como é para mim e como é para outras mulheres trans também. E não só como as mulheres trans, mas também pessoas LGBTs. A gente não tem apoio da escola, não tem apoio da sociedade. Isso dificulta muito porque, querendo ou não, nós não vamos ter uma vida educacional tão boa quanto às outras pessoas, pois são traumas que a gente passa que não é algo que vai passar e ficar tudo bem. Isso deixa marcas. Precisamos de mais apoio e acolhimento, precisamos de que as pessoas entendam a gente mais.

Como pode ser notado nas respostas das entrevistas, o público transexual tem muito a dizer à comunidade escolar. Em todos os momentos, clama-se pelo preparo e acolhimento da escola. De acordo com os depoimentos, a escola precisa melhorar consideravelmente a



maneira como acolhe cotidianamente ess@s alun@s e focar na situação do outro que é afetado pelo preconceito e despreparo de muit@s.

Quando se vê situações como as piadas feitas por professores e a atividade de rolamento na aula de Educação Física, observa-se como “o corpo, o desejo e a sexualidade, tópicos antes ignorados, eram (e está sendo<sup>2</sup>) alvos e veículos pelos quais se expressavam relações de poder (FRANCO; CICILLINI, 2016, p. 176). A fala de Pedro, quando afirma que boa vontade não é o suficiente, explica bem o que aconteceu com Laci na aula de Educação Física. É preciso ter conhecimento, pois só por meio de sensibilidade e empatia próprios para essas questões esse tipo de ocorrência em uma aula será evitado.

O conhecimento na formação de professores é necessário para a

afirmativa de que a construção do sujeito humano consagra-se como uma das questões mais efervescentes na contemporaneidade, emergindo a necessidade de compreensão e problematização dos aspectos históricos e culturais que se entrecruzam na constituição de homens e mulheres. (FRANCO; CICILLINI, 2016, p. 180).

É pertinente lembrar que a construção do sujeito vale tanto para @ professor(@), quanto para todo@s os alunos e pessoas que fazem parte da comunidade escolar: técnicos, funcionários terceirizados, pais etc. E, conforme Butler (2017), as características que constituem os sujeitos não são fixas e permanentes, mas instáveis e fluidas. A partir de concepções mais livres de conceitos e valores tidos como verdades absolutas, a escola e a sociedade conseguirá reconhecer alun@s trans. É necessário observar, pela própria história, como os conceitos rígidos podem falhar.

Laci reafirmou que tem sido bem difícil para ela ter forças para enfrentar os desafios dentro da escola. Pedro ressaltou como essa fase da vida é importante para a construção da identidade e responsabilização das escolhas. Além disso, tem-se o fato de @s duas (dois) alun@s trans terem sido reprovad@s no segundo ano do Ensino Médio. Diante desses fatos, fica claro como a escolarização da pessoa trans é especial. Na fala de Laci, há a ênfase da necessidade de mais apoio e entendimento, mas parece que, apesar de poucos, os pedidos não estão sendo atendidos. Os maiores desafios da escola ao lidar com alun@s trans são minimizar os traumas que acompanham esses sujeitos e combater a evasão. O desejo é

---

2 Complementação nossa.



que Laci e Pedro não façam parte da estatística de que 91% de trans não concluíram o Ensino Médio.

## **4. Considerações Finais**

Este artigo objetivou demonstrar como a transexualidade precisa ter mais visibilidade dentro da escola. Para isso, o texto apresentou, inicialmente, uma abordagem histórica sobre o conceito de sexo masculino e sobre como a ciência entendia o sexo feminino, desde a Era Clássica, até poucos séculos atrás. Trouxe, também, uma reflexão de que se era um empecilho dar independência ao sexo feminino, mesmo no quesito fisiológico, que é mais simples e claro. Nesse, contexto, pode-se inferir que não está sendo real a aceitação, a visibilidade e o acolhimento a um terceiro sexo, que é como a diversidade sexual pode ser entendida.

Na segunda seção, o texto trouxe o tema do currículo e como ele exerce uma função de poder no território escolar. Por ele, definem-se conteúdos e valores a serem institucionalizados e repassados. Nessa perspectiva, o currículo é instrumento de segregação quando se trata de transexualidade na sala de aula.

Por fim, a pesquisa apresentou o ponto de vista de duas (dois) alun@s trans, demonstrando como el@s veem a escola e como se sentem não tendo o acolhimento e o apoio necessário. Esses desafios parecem que serão diminuídos quando houver formação para professores e toda a comunidade escolar. Ter conhecimento do histórico dess@s alun@s também é fundamental, uma vez que enfrentam uma fase importante da vida.

Como foi dito por um(@) entrevistad@, a escola é o espelho da sociedade, porém em uma proporção menor, mas não menos real. São necessárias ações concretas de inclusão, para que não escutemos mais as expressões: “é muito difícil para mim conseguir ter forças”, “você percebe como você, às vezes, é retirado dos grupos de trabalho”, “nós somos julgados o tempo inteiro que estamos dentro da escola”, “você acaba apanhando por elas, física e psicologicamente”, “eu não percebi nenhum avanço por parte da escola” e tantas outras afirmações comoventes. Essas falas impactam o sistema escolar, assim como essas vivências impactam no processo aprendizagem de alun@s trans, que, muitas vezes, chegam à situação extrema de precisar deixar a escola sem



a conclusão do Ensino Médio, por não se sentirem pertencentes àquele ambiente.

## Referências

APPLE, Michael. *Ideologia e currículo*. Porto: Porto Ed, 2002.

BRASIL. SPM/PR, SEPP/PR, MEC. Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. *Livro de conteúdo*. Versão 2009. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SECRETARIA PROMOÇÃO MULHER, 2009.

LOURO, Guacira. Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Um Corpo Estranho: Ensaio sobre Sexualidade e Teoria Queer*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. 13. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

FERREIRA, Marieta de Moraes (COORD.) *Entre-vistas: Abordagens e usos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1994.

FRANCO, Neil; Cicillini, Graça Aparecida. Teoria queer e educação: diálogos sobre a diferença. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz; Teixeira, Filomena. (Orgs). *Atravessamentos de gênero: linguagens apelos, desejos, possibilidades e desafios*. Rio Grande: Editora da FURG, 2016.

FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

LANZ, Letícia. O SEXO, O GÊNERO E AS PESSOAS TRANSGÊNERAS. *Rev. Diversidade e Educação*. v. 5, n. 1, p. 13-23, jan./jun. 2017.

MAIA, Marcus (org.). *Psicolinguística e Educação*. Campinas: Mercado de Letras, 2018.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1996.



OLIVEIRA, Melissa Barbieri de; GROSSI, Míriam Pillar. A invenção das categorias travesti e transexual no discurso científico. *Revista Estudos Feministas*. v.22, n.2, Florianópolis, May/Aug. 2014.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral diferente. *Projeto História*. São Paulo, n.14, p. 25-39, fev. 1997.

SACRISTÁN, José Gimeno. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SALABERT, Duda. *Questões de gênero e linguagem: como abordar a diversidade e os direitos humanos em sala de aula*. Palestra ministrada na VII Jornada do GEALI, promovido pelo Grupo de Estudos GEALI, realizado em 13 de dezembro de 2018, em Ouro Preto/MG.

SILVA, Fernando Guimarães Oliveira da; MAIO, Eliane Rose. SOBRE VULNERABILIDADE ESCOLAR DE ESTUDANTES TRANS. *Rev. Diversidade e Educação*. v. 5, n. 1, p. 24-31, jan./jun. 2017.

XAVIER, Gláucia do Carmo. *Currículo: história, conceitos e contemporaneidade*. IN: OLIVEIRA, Adilson Ribeiro de; XAVIER, Gláucia do Carmo. (Orgs). *Questões sobre Linguagem, Escola e Ensino: Alguns olhares, várias direções*. Florianópolis: Beconn, 2014.



## Transsexuality in High School: challenges and possibilities

**ABSTRACT:** This article presents a research done in 2018, through oral history with two trans students enrolled in Integrated Technical High School. The aim of the research was to give visibility to the schooling of transgender students. For this, the text presents the understanding of sex and gender throughout history and the role of the school curriculum in the inclusion of trans students. The interview was the research technique chosen to give voice to this excluded audience. The article emphasizes the need for reception and support from the school so that we have a new reality facing the challenges of schooling trans people.

**KEYWORDS:** Transsexuality. High school. Challenges. Possibilities.

***Gláucia do Carmo XAVIER***

*É doutora em Linguística e Língua Portuguesa (PUC-MG) e mestre em Educação (PUC-MG). Realizou estágio de pós-doutorado na área da Sintaxe Gerativa, no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (UFF). Possui duas especializações na área da Psicopedagogia e licenciou-se em Letras (UNI-BH).*

*É professora efetiva do IFMG, onde atua desde o Ensino Médio ao Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica. É líder do grupo de estudos GEALI.*